

Michel Laub. *O tribunal da quinta-feira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 184p.

O sétimo e mais recente romance de Michel Laub, *O Tribunal da Quinta-Feira* (Companhia das Letras, 2016), talvez seja o ponto de chegada do autor a um tom maduro na sua escrita, processo iniciado em 2011 com o aclamado *Diário da Queda* (Companhia das Letras) e perpassado por *A Maçã Envenenada* (Companhia das Letras, 2013). Aparentemente, Laub repete a receita de elementos que já provaram funcionar – como a divisão numerada entre capítulos breves e às vezes brevíssimos (a saber, n’*O Tribunal*, dividido em 78 capítulos em três grandes seções), a ação demarcada por uma arquitetura sintática e semântica de alto nível estilístico, verificado nos longos períodos que confundem e ao mesmo tempo (porque não, propositalmente) prendem o leitor à ação que se desenvolve na não linearidade narrativa. Mais que isso, a passagem por assuntos de destaque na vida em sociedade, de delicado manejo nas relações e problematizações humanas, assim como nos romances anteriores, é orquestrada n’*O Tribunal da Quinta-Feira* de maneira magistral, quem sabe apoiada na consciência do sucesso de tais assuntos nas obras anteriores. Veja-se que a propaganda feita na contracapa da obra fala não do seu próprio conteúdo, mas da boa recepção de *Diário da Queda* e *A Maçã Envenenada*.

N’*O Tribunal*, o protagonista José Victor, narrador em primeira-pessoa, é apresentado como um publicitário bem-sucedido que, aos 43 anos de idade, vê sua vida pessoal e profissional ser colocada à prova a partir da revelação, por parte da sua ex-esposa, Teca, de dezoito recortes de correspondências *on-line* mantidas com seu melhor amigo, Walter, ao longo de vários anos. As complicações e reviravoltas trazidas no miolo dessa situação é o que dá fôlego ao livro, cuja narrativa, embora remonte a

episódios da adolescência de alguns personagens, trata especificamente dos acontecimentos emergentes entre um domingo de 2016, no qual Teca revela a José Victor ter tomado conhecimento dos seus e-mails com Walter, e a quinta-feira, tempo presente em que o protagonista ocupa funções importantes diante de uma espécie de tribunal.

O tom trazido ao texto é outro ponto alto da obra de Laub: o autor equilibra ironia com um humor por vezes ácido na composição da narrativa em primeira pessoa, entrecortada por discursos oriundos da *web*. Expliquemos a situação: os recortes feitos dos e-mails por Teca vão parar na mão de meia dúzia de amigas, que os espalham para algumas pessoas, que os espalham para outras e que, sem forçar a imaginação, chegam facilmente às redes sociais. Daí que os discursos sejam expressos – em capítulos específicos, como 23, 37 e 39 – como vozes terceiras, apresentadas com total verossimilhança na medida em que esses leitores externos, no tribunal da internet, tornam-se juízes morais da ação que se passa com José Victor, à primeira vista um réu diante do processo.

O amadurecimento da escrita de Michel Laub não se limita às escolhas no campo estilístico ou na composição dos capítulos. A ação decorrente não envolve apenas José Victor e sua ex-esposa, mas respinga na revelação pública da intimidade de Walter, homossexual e portador do vírus HIV, e de uma redatora-júnior da agência da qual o protagonista é sócio – Dani, jovem de 20 anos, ainda estudante de publicidade e propaganda, que ocupa papel fundamental na transformação de José Victor aos 43 anos. A partir do momento em que a intimidade de cada uma dessas pessoas é posta em público, emergem, nas vozes do narrador e dos juízes do tribunal da internet, discursos que transitam entre o ódio, o machismo, a violência doméstica, a promiscuidade, a homofobia, a infidelidade em relacionamentos heteronormativos e monogâmicos, a exposição nas redes. A escolha de vocabulário (para voltar mais uma vez à composição estilística) para tratar desses temas, mesmo que por vezes seja chula, aparece no romance a serviço de uma boa literatura, como sendo de fato necessária ao retrato da vida daquelas personagens que poderiam ser qualquer pessoa. Afinal, os temas postos em debate nada mais são do que um reflexo de alguns dos problemas

sociais e interpessoais da vida contemporânea. Que outra manifestação artística pode melhor colocá-los a serviço do debate e da reflexão que a literatura?

Há que se destacar o comportamento do protagonista José Victor, ciente de que vive sua vida com base em uma criação de base patriarcal, machista e até mesmo misógina. Seu comportamento oscila entre a segurança do status social e financeiro e a insegurança da vida privada, de um homem que assume usar cocaína desde o início da faculdade e que, ao se aproximar dos 50 anos de idade, está consciente do efeito juvenil e adolescente que uma paixão por uma moça 20 anos mais nova pode provocar na sua vida. Quando se aproxima o final do julgamento (a própria quinta-feira), momento após a explosão dos e-mails na *web* – todos já sabem e comentam a respeito – em que o narrador decide por deixar a agência em que trabalha, sua fala é impactante:

[...] eu caminhei devagar entre as baías, duzentos e trinta funcionários que pareciam estar olhando para mim, as pessoas andando na avenida Berrini sem saber que na janela daquele décimo quarto andar há alguém que simboliza o que deve ser condenado e esquecido, o resumo de uma carreira forjada por valores que ficaram para trás na marcha da história e da cultura, um homem branco, de orientação afetiva patriarcal, com humor baseado na depreciação e objetificação de grupos discriminados ao longo dos séculos e milênios, cuja queda se tornou ainda mais patética quando o primeiro post sobre o caso foi publicado nas redes. (p. 158)

A repercussão das mensagens entre José Victor e Walter sobre o público parece ser de grande força justamente porque a intimidade de ambos no diálogo frequente, baseada em uma ironia comum e cúmplice oriunda de 25 anos de amizade, assume, na leitura de terceiros, compreensão absolutamente literal. É o caso de mensagens como “Estou pensando em convidar a vítima redatora-júnior para contrair A.I.D.S./S.I.D.A.” (p. 94), ou “Acho que para me apaixonar de vez e ser correspondido só falta disciplinar a redatora júnior. [...] Uma disciplina adequada começa com uma boa surra de cinto” (p. 124-125). Não sabem os juízes, contudo, que o primeiro convite consistia numa forma irônica de chamar a redatora-júnior para beber e terminar a noite em um motel; que a segunda mensagem tratava de uma espécie de revelação fetichista da vida conjugal, ou, antes, dos desejos íntimos do narrador que, no casamento com Teca, não

encontrava forma de realizá-los. A disposição fetichista na vida íntima – com a namorada mais nova, antes amante – se converte em escândalo e horror na esfera pública. Isso sob o olhar dos juízes da internet: afinal, quantas acepções podem caber em um discurso reproduzido na rede? Com quantos contextos uma frase deslocada de sentido pode interagir? É no meio desse turbilhão que o narrador transita entre réu, juiz e promotor, sendo acusado, defendendo-se e acusando, convidando também o leitor a ser partícipe do julgamento, não um mero espectador.

Cabe observar que a narrativa, posto que majoritariamente apresentada na voz de João Victor ou por intermédio dele, acompanha a angústia de quem sofre em meio ao julgamento de toda uma sociedade que se transforma, em campo virtual, em estandarte da moral, da ética e dos bons costumes. Como dito, o julgamento se passa durante quatro dias. A quinta-feira, como também sugere o título da obra, é o ápice de um processo iniciado no domingo – preenchido por opiniões diversas, de grupos diversos (muito bem retratados por Laub), gestado pelo compartilhamento e pela intersecção de discursos às vezes de defesa, mas principalmente de acusação, que lançam os réus ao escrutínio público em um espaço intocável e aparentemente infinito. O narrador é ciente e se posiciona criticamente em relação a isso:

Todo fascista julga estar fazendo o bem. Todo linchador age em nome de princípios nobres. Toda vingança pessoal pode ser elevada a causa política, e quem está do outro lado deixa de ser um indivíduo que erra como qualquer indivíduo, entre meia dúzia de atos entre os milhares praticados ao longo de quarenta e três anos, para se tornar o sintoma vivo de uma injustiça histórica e coletiva baseada em horrores permanentes e imperdoáveis. (p. 72)

Embora a relação da temporalidade com o espaço da *web* aparente ser infinita, na vida prática esse espetáculo termina no momento em que todos se cansam de falar sobre o assunto ou, melhor, quando surge um novo escândalo, um novo crime que venha a ferir a imagem e os (pré)conceitos das famigeradas famílias de bem. Afinal, como afirmava Bauman em uma máxima, os tempos são líquidos, nada é para durar. O romance de Laub talvez seja um bom ponto de partida para pensar nesse tipo de exposição na rede – ambiente em que paradoxalmente tudo é duradouro e ao mesmo tempo finito –, bastante comum não apenas em casos que envolvem a intimidade dos

envolvidos, mas também a vida pública, seja ela política (no sentido de representação partidária e governamental) ou não. Na efervescência das redes, quantos dias serão necessários para que os juízes morais da internet esqueçam o caso acontecido com José Victor e se debrucem sobre o próximo escândalo? Fazemos um exercício: quantos ainda lembram do furor de opiniões em torno da exposição Queermuseu, cancelada em setembro de 2017 pelo Santander Cultural em Porto Alegre? Depois da sentença, quem ainda lembra e tece juízos de valor (leia-se: julgar e comentar a respeito na rede) sobre o crime cometido pelo casal Nardoni, presos em 2008 por terem assassinado a menina Isabella Nardoni?

Ainda assim, a vida de quem sofre – de quem é réu no julgamento ou está próximo a ele – segue marcada – e disso emergem outras revelações, como a trazida quase ao final do romance, de que Walter e Teca teriam mantido relações sexuais desprotegidas antes do casamento dela com José Victor, na mesma época em que Walter acredita ter contraído HIV. A punição do tribunal no presente caso talvez seja passageira, e pode ser que os juízes esqueçam o caso assim que a sexta-feira chegue e então se debrucem sobre outro escândalo. A ferida moral provocada pela desconfiança e pelo risco de todos estarem, afinal, infectados pelo mesmo vírus é que perturba, é que permanece na memória de quem é também réu no mesmo caso.

Tratando especificamente do vírus HIV e da doença que dele se desenvolve (A.I.D.S. ou S.I.D.A., na versão em português), cabe tecer mais um elogio a Michel Laub, especificamente pelo tratamento cuidadoso que dá ao tema. Sem vitimizar o enfermo (que no romance aparece na figura de Walter), a doença é debatida no livro do começo ao fim, já que, como se vem saber no final, José Victor decide fazer um teste de sorologia e busca o resultado na quinta-feira. O caminho desse debate, no entanto, é que é merecido destaque: por meio de José Victor, Laub revela uma pesquisa profunda sobre o HIV, desde a sua ebulição no início dos anos 1980, o preconceito e condenação imediata diante da sociedade sobre aqueles que se relacionavam com o mesmo sexo, posto que a doença fora inicial e pejorativamente conhecida como o “câncer dos homossexuais” (o que mostra que a espécie de julgamento pelo qual passa José Victor, mesmo que sob perspectiva distinta, já existia muito antes das redes sociais), até informações específicas sobre a reportagem feita por Hélio Costa ao

Fantástico em 1983, momento em que a doença e seus riscos foi “apresentada” à família brasileira. Embora trate do tema com primor, a obra de Laub não condena o comportamento sexual do enfermo, mas também não o desestigmatiza, já que a angústia em relação à possibilidade de infecção e todos os seus desdobramentos é fundamental ao fluxo da prosa – caso contrário, estaríamos diante de um livro de autoajuda, não de literatura. Felizmente este não é o caso.

Se, por um lado, *O Tribunal* sugere o alcance de alguma maturidade narrativa para Michel Laub, o tom do seu narrador, por outro lado, é bastante semelhante àquele encontrado em romances anteriores, como em *Diário da Queda*. A semelhança leva a uma necessária aproximação e revela protagonistas um tanto machistas, um tanto misóginos, dependentes de ações do passado e confrontados por um presente que lhes perturba e modifica o resto da vida. A mesma aproximação talvez seja um dos fios condutores que atestam o trabalho do autor no desenvolvimento de personagens tão complexos e ao mesmo tempo tão humanos, tão contemporâneos. Laub, nesse sentido, revela-se antes mesmo de um grande escritor, um grande leitor do mundo: observador atento aos detalhes da vida cotidiana que poucos veem, ou que veem e preferem fingir não ver. Os problemas que assolam a vida íntima de cada um (ou de todos nós) são postos, n’*O Tribunal da Quinta-Feira*, sob uma lente de aumento incômoda, proporcionada pela tecnologia à vida privada, que faz com que o leitor saia de sua zona de conforto e reflita sobre os problemas que o cercam – hoje, mais do que nunca, especialmente sobre a exposição nas redes sociais.

**Lucas Cyrino**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul